

A ARTE CINÉTICA POR JULIANA WOSGRAUS



RETOQUES

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DOS ARTISTAS PLÁSTICOS



OTTICICA QUEBRANDO TODOS OS CONCEITOS

HARRY LAUS CONTA

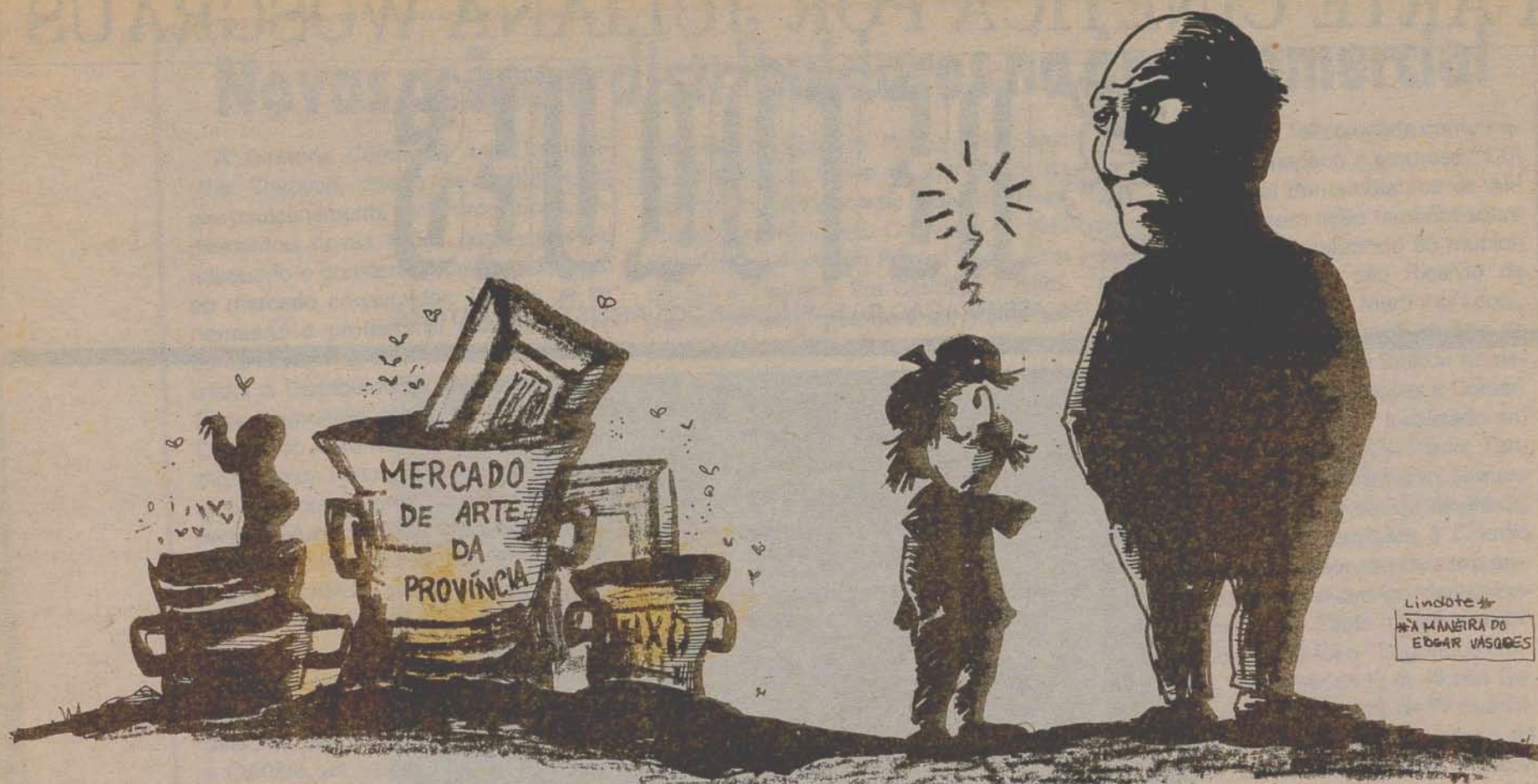
TUDO SOBRE O MASC



SCHWANKE E OESTROEM:



OS PREMIADOS NO 9º SALÃO NACIONAL



Cartas

"(...) Pela minha vivência, de tropeço em tropeço fui eliminando aos poucos as pedras que me impediam a caminhada na vida como artista. Nem tudo foram rosas para mim. Nunca perdi a esperança de conseguir, através da arte, formar uma legião de amigos admiradores dos meus quadros. Procurem sempre dar uma mão, através deste jornal, aos artistas que residem no interior. Confiram a estes, a mesma satisfação que vocês me proporcionaram(...)"
Willy Zumblick, Artista Plástico

"O jornal está ótimo! Torço para que outros (muitos) números saiam. Qualquer ajuda que eu possa dar, aqui de São Paulo, será com prazer (...)"
Paulo Whitaker, Artista Plástico



"Retoques: parabéns e muitos anos de vida. É o que desejam todos os paulistas que pensam em arte. Um novo meio de transporte para os artistas, um jornal, faz com que o artista enxergue novos horizontes. Tenho bons contatos e participo de alguns eventos artísticos: exposições, palestras, vídeos, etc... Coloque-me a disposição de Retoques para qualquer força (...)"
Celso Orsini, Artista Plástico

"(...) Acreditamos que Retoques veio atender a uma necessidade de integrar o meio artístico com o trabalho executado pela ACAP. Desejamos sucesso a este veículo e aos dirigentes".
Associação Blumenauense de Artistas Plásticos (Bluap)

Programme-se

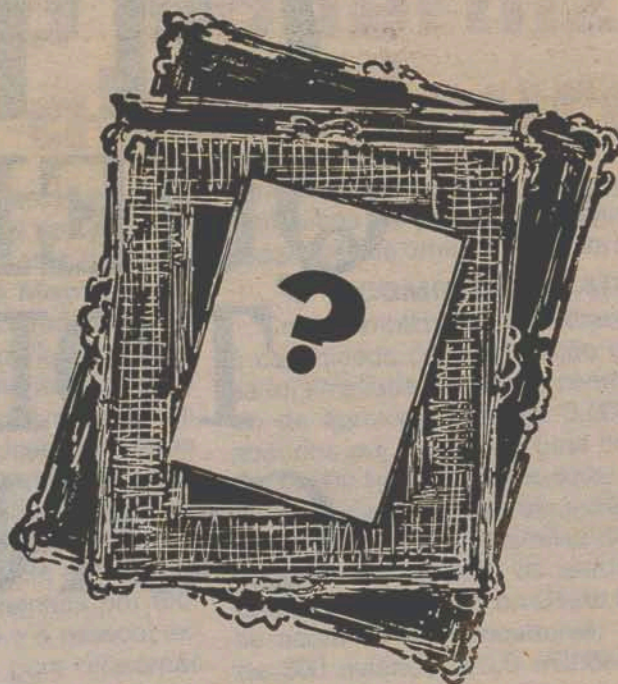
A Associação Catarinense dos Artistas Plásticos está recebendo propostas para mostras individuais de seus associados, que participarão do calendário de atividades do próximo ano de 1987.

As propostas referentes à categoria das mídias contemporâneas (ambientações, instalações, "performance", happening, vídeo-arte, audiovisuais, 16 mm, super 8 e outros) deverão ser acompanhadas de projetos ou notas explicativas.

Em qualquer das categorias, sua proposta deverá ser acompanhada da data de sua preferência, sendo que para as últimas (dos novos mídias), aqueles de curta duração, poder-se-á realizar-se, paralelamente, às fixas.

No período das grandes e pequenas férias (escolares), a ACAP continuará organizando as grandes coletivas que oportunizam a apresentação democrática de novos valores.

Dando continuidade a uma dinâmica já tradicional de melhor



utilização do nosso espaço, favorecendo um maior número de associados, comunicamos que as individuais continuarão sendo apresentadas em duplas, mais o nosso acervo.

Segundo o nosso estatuto, a Associação fornece apenas o espaço e a montagem das obras; somente participarão de nossos eventos os associados em dia com as suas mensalidades.

As propostas deverão ser enviadas até o dia 15 de dezembro, quando serão apreciadas pela nova diretoria da ACAP. A programação definitiva de 1987 será divulgada em data oportuna; as propostas poderão constar de outros eventos no próprio espaço da sala da ex-Alfândega ou em outros alternativos e paralelos.

A direção

RETOQUES

Jornal da Associação Catarinense dos Artistas Plásticos

Textos e edição: Roselange Peixer e Ângelo Medeiros
Edição Gráfica: Ricardo Barreto

Colaboradores: Fernando Lindote, Volmar Hoffmann, Juliana Wosgraus, Teodoro Souza Filho e Pedro A. Melo.

Jornalista responsável: Ricardo Barreto, Mtb 4885/RS
Montagem: Rita de Cássia Paulino

Fotocomposição e impressão O Estado

Correspondência: rua São Cristóvão, 755 ap. 304 Bloco B, Coqueiros
88.000 - Florianópolis - SC
Fone- (0482) 44-5805

A ruptura do concreto

Ele sempre quis ser diferente. Artista ou louco? Pouco lhe importava o que poderiam pensar sobre suas atitudes. A verdade é que suas propostas artísticas sempre circularam em grandes centros. Londres, Paris, New York, Rio de Janeiro e São Paulo conheceram seus projetos e realizações. O reconhecimento, é certo, tardou um pouco mas chegou. E tinha que ser em terras estrangeiras, o Brasil não estava acostumado com tamanha ebulição cultural. Não se enganem. Não é aniversário de sua morte. Muitos menos ele figura em capas de revistas ou é manchete em jornais. Simplesmente é tempo de lembrarmos de Hélio Oiticica.

Menino-prodígio do movimento neo-concreto, que surgiu no final dos anos 50, a obra de Oiticica foi sempre uma resposta radical ao ambiente cultural brasileiro. Poucos eram os que conseguiam assimilar seus "Parangolés", e "Bóides" e "Penetráveis" — Objetos que não se destinavam à contemplação, mas à integração da arte com a vida, onde se juntavam estrutura, movimento e sociedade.

Artista dos mais promissores no cenário nacional, Hélio Oiticica não viveu muito para mostrar todo o seu potencial. Morreu em 1980, com 42 anos de idade. Até aí muito já tinha feito pela cultura brasileira. Com sua obra "Tropicália, o Grande Penetrável", apresen-

tada ao público em 1967, Oiticica influenciou a nossa cultura, dando início ao movimento tropicalista. Logo em 69, estava em Londres expondo seus trabalhos na "White chapel Gallery", uma das mais renomadas galerias de vanguarda da época. E de lá, passava a ser reconhecido internacionalmente.

Hélio se propunha sempre a desenvolver um projeto artístico e existencial, que se resumia a fazer da arte um momento da consciência individual e social. Sua bandeira foi a heterodoxia militante, não uma heterodoxia por si mesma, mas como forma de investigação artística que libertasse a arte de seus "vícios positivistas".

Retomando o início de seu percurso é preciso voltarmos até 1954, quando Hélio estudava no ateliê de Ivan Serpa. Na época, as duas alternativas



Topological
readymade
landscape
nº 3,



Torquato Neto e Oiticica na Whitechapel Gallery. Londres, 1969

Oiticica: "Estou vivo, falando"

NUMA carta enviada a seu amigo Torquato Neto (poeta morto em 1973), Hélio Oiticica deixava bem claro sua aversão a exposições. A carta, escrita em New York, em setembro de 1971, foi publicada no livro Os últimos dias de Paupéria, editora Max Limonad. Aqui transcrevemos um trecho: "(...) Se há gente interessada em minha obra anterior, melhor, mas não vou expô-la ou ficar repetindo ad infinitum as mesmas coisas; não estou aqui para fazer retrospectivas, como um artista acabado; estou no

início de algo maior; quem não entender que se dane; procurem se informar melhor e respeitar idéias e trabalho feito. Mas não, parece que a burrice é crônica e que tenho falado em vão. O que propus que fosse feito em São Paulo, diante de um telefone recebido, foi o seguinte: produzir uma experiência na rua, em São Paulo (Praça da República): os planos para essa experiência já estão prontos e serão publicados em New York, breve. Não são planos para ficar em papel (não sou artista conceitual e nunca fui). Minhas experiências têm mais a ver

hoje com circo do que com promotores de arte; não estou a fim de alegrar burguesias interessadas em arte. São uns chatos, além das conhecidas qualidades reacionárias; portanto, basta".

"Essas experiências mencionadas acima, foram sempre assumidas, por mim, como autênticas experiências (manifestações ambientais, sensoriais, participação pública, etc.), não como uma "exposição a mais", o que parece ser a preocupação da maioria de artista aí, aqui, alhures, e com os quais nada quero ter a ver: são entediadas, não muito brilhantes, sem qualquer compromisso com idéias mais profundas ou limite. Pensam que estou brincando quando digo que a pintura acabou; quando durante dez anos (só um louco!), não falo em outra coisa; minha própria obra

artísticas eram o modernismo e o abstracionismo informal, Oiticica se opôs a ambas, aderindo ao Grupo Frente. Em São Paulo e no Rio de Janeiro levantou-se, então, a bandeira da arte concreta como única forma de escapar aos impasses e descaminhos que levavam as outras duas posturas artísticas. Depois de muito caminhar pelas vias de concreto, já pensava-se em novas formas de criação. Artistas como Lygia Pape, Amílcar de Castro, Ligia Clark, Willis de Castro, Sérgio Camargo, Hélio Oiticica e o poeta Ferreira Gullar, construíram o que se tornou conhecido por neoconcretismo, cujo manifesto foi publicado em 1959 no Jornal do Brasil. A proposta do manifesto era a recuperação dos valores sensíveis perdidos no meio do caminho.

Anos 60. Uma das preocupações do artista passa a ser o fim do quadro. A arte, para Oiticica, tinha que se desprender de suas amarras. Liberdade total para qualquer tipo de criação. Para ele, a morte da pintura seria definitiva se ela não conseguisse, antes, matar o quadro. Dizia Oiticica: "A meu ver a quebra do retângulo do quadro ou de qualquer forma regular (triângulo, círculo, etc) é a vontade de dar uma dimensão ilimitada à obra, dimensão infinita (...)"

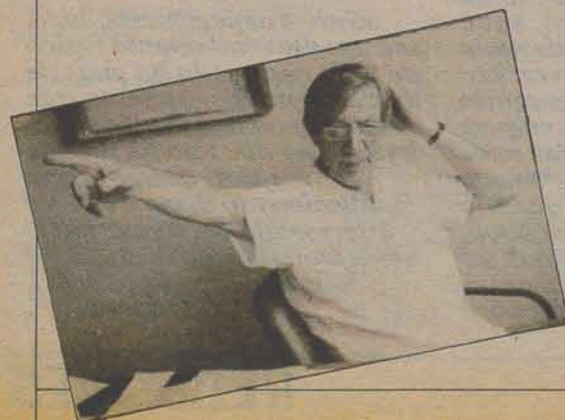
Hoje, se vivo fosse, talvez o encarassem como um artista pós-moderno. Rótulos é o que não faltaria para enquadrar sua arte. Enquadrar sua arte? Não seria fácil. Hélio Oiticica sempre lutou para desmistificar o caráter inovador de suas experiências e poder integrá-las na sociedade em que vivia. Com certeza estaria defendendo, até hoje, a autonomia de sua criação artística, longe de amarras e de preconceitos. (RP)

(desconhecida no Brasil, praticamente; não sei que interesse possa causar; moda hearsay, alienação característica local), é o caminho duro dessa desintegração: não faço vestimenta de vanguarda, como muitos, para esconder idéias conservadoras: não me calo, também, esperando um "reconhecimento futuro"; estou vivo, falando. Quem não souber o que digo, que se cale e não encha o saco; me esqueça; eu não existo.

Minhas experiências, hoje, são um desvendamento lógico de tudo começado há mais de dez anos, no Rio: projetos, que mais cedo ou mais tarde serão levados ao dia: não há pressa; quem quiser tomar conhecimento disso e estiver interessado em tomar parte nesse trabalho (de resto, como sempre, de grupo), legal. Estamos aí".

“A cultura, de um modo geral, sempre é o último item de um programa de governo. Talvez porque não renda votos”

NO dia 24 de novembro de 1986, Harry Laus completou 25 anos de atividades artísticas. Sua carreira como crítico de arte teve início em 1961, no jornal carioca Correio da Manhã. Sempre envolvido com a arte, Harry Laus teve passagens pelo Jornal do Brasil e pela revista Veja, onde atuou como redator de artes. Seu prestígio no meio, lhe valeu participações como jurado em vários Salões Nacionais e Regionais. Agora mesmo, Laus foi jurado do 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, em Porto Alegre. Porém, sua maior preocupação no momento é a direção do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). Há um ano e quatro meses à frente do Museu, Harry Laus falou nesta entrevista concedida a Angelo Medeiros, sobre o seu trabalho e o futuro das artes plásticas em Santa Catarina, que ele considera “a chance do Estado sair do buraco que está metido”.



RETOQUES — Como está o movimento das Artes Plásticas em Santa Catarina?

HARRY LAUS — Eu acho que a intensa programação, tanto na Acap, como no Masc e em Joinville e Chapecó, além de outras cidades, atestam o bom momento que as Artes atravessam em Santa Catarina. Há pouco tempo, 15 artistas catarinenses foram selecionados, por um júri nacional, para participarem do Salão Nacional, em Porto Alegre, sendo que dois deles foram premiados: Rubens Oestrom e Luis Henrique Schwanke.

RETOQUES — O que você acha da realização de um Salão Catarinense, à nível nacional, como prega o Osmar Pisani?

H.L. — A ideia é interessante, mas acho mais importante, por enquanto, informar sobre o que se faz lá fora e, se possível, levar o artista para expor em outros centros. Este ano, consegui levar o artista para expor em outros centros. Este ano, consegui levar a “Perspectiva Catarinense” (exposição de arte Contemporânea) à São Paulo e Brasília. Isto é mais importante do que trazer gente de fora para ganhar dinheiro e prêmios catarinenses.

RETOQUES — Qual o seu conceito de Arte?

H.L. — Em poucas palavras, eu diria que a arte é criação. É aquilo que subsiste, que valoriza o ser humano. Sem querer desfazer a ciência, eu acho que a arte tem muito mais de realidade e importância. A medicina cura o corpo; a arte pode curar o espírito, o que acho mais importante.

RETOQUES — Você falou que arte é criação. A tendência atual é o desenvolvimento de novas técnicas ou a cópia das que já existem?

H.L. — Existe o que copia e existe o artista consciente, este não copia, mais sim experimenta. O artista de verdade é aquele que precisa ser artista e, por isso, é claro que experimenta novas técnicas. Ficar na cópia não é ser artis-

ta, é artesão.

RETOQUES — E a utilização da tecnologia nas artes? Como você encara?

H.L. — Eu acho muito certo. Porque a arte, de um modo geral, tem que acompanhar o progresso da ciência, para não ficar defasada. Seja na música, cinema ou literatura; em tudo que for possível. Assim como poetas gravam seus poemas em discos, o artista também deve usar o computador, o neon, etc. Este avanço é muito lógico.

RETOQUES — O que você acha da vanguarda no Brasil?

H.L. — Para mim, vanguarda é uma palavra que amanhã não quer dizer mais nada. O que hoje é vanguarda, amanhã pode ser retaguarda. Na década de 60 chamava-se arte de vanguarda, depois o francês começou a falar em pós-vanguarda; surgiu até transvanguarda. Esta palavra, agora, acho que não quer dizer mais nada.

RETOQUES — Você está a 1 ano e 4 meses como diretor do MASC. O que tem sido feito no Museu?

H.L. — Bem, quando eu assumi o MASC, ele era muito deficiente em instalações. Por exemplo: o museu é um caixote de vidro, onde o sol entra por todos os lados, eu consegui equipá-lo com cortinas. Não havia também painéis para expor as obras, eu os consegui. Então agora o local está pronto para exposições. É só tocar. O que tenho feito.

RETOQUES — E quais as dificuldades que ainda existem?

H.L. — Dificuldades existem e são enormes, como todos sabem, pois não se tem verba para as mínimas coisas. Na verdade, o que existe não é a falta de verbas e sim um melhor critério na distribuição de recursos.

RETOQUES — A arte não recebe o devido valor dos órgãos públicos?

H.L. — A cultura, de um modo geral, sempre é o último item num programa de Governo. Talvez porque não renda votos. Mas um dia eles vão reco-

nhecer que sem cultura não se faz nada.

RETOQUES — Enquanto esse dia não chega, o que pode ser feito de imediato para reverter este quadro?

H.L. — Bom, o Sarney fez essa Lei dele. Essa Lei foi uma forma inteligente do Governo tirar o corpo fora. O Governo agora não tem mais responsabilidade com a cultura. Quem tem é o empresário. Ele entra com o dinheiro, tira proveito e o Governo se omite. O espírito da Lei é esse. Agora, temos que aproveitar este potencial e não deixar sair de Santa Catarina, por exemplo, o dinheiro dos nossos empresários. Se for tudo mais uma vez para Brasília, o que vai caber para nós? Dividido por todos os estados vamos ganhar migalhas, quando temos cidades como Blumenau e Joinville com grandes empresas. Estes recursos devem ficar aqui. Então, aí seria uma política estadual, que eu não posso resolver. Pode ser que o novo Governo pense nisso, o atual parece que não pensa.

RETOQUES — Como está a afluência de público no MASC?

H.L. — No MASC, por sua localização, você não passa pelo museu, você vem ao Museu. Então, o nível de exposições e divulgação tem que ser maior do que a de outros locais. Aqui, você tem que chamar muita atenção sobre o que está acontecendo, senão não vem ninguém. O nosso público é, em geral, quem vem ao cinema e ao teatro. Infelizmente, até hoje, não consegui fazer com que a Fundação Catarinense de Cultura percebesse a importância que existe no Museu. Eu faço um esforço para montar as exposições e quando chega sábado, domingo ou feriado, o Museu está fechado por não ter guarda. Acaba caindo no vazio todo o esforço que a gente faz.

RETOQUES — Quais são seus planos futuros para o MASC?

H.L. — Eu pretendo trazer



Foto: Volmar Hoffmann

para cá, ano que vem, o 10º Salão Nacional de Artes Plásticas, que este ano foi em Porto Alegre. Eu acho muito importante a sua realização aqui, pois trará informação do que se faz, do que é selecionado, do que é premiado, para que o catarinense veja isso e modifique seu olhar e deixe de pintar casinha, barquinho, etc. Numa segunda etapa, em 1988, fazer a Bienal Catarinense de Artes Plásticas. Por que 1988? Porque em 1989 tem a Bienal de São Paulo e, 88 seria a preparação dos artistas catarinenses para São Paulo. É tudo uma cadeia de eventos que tem que ser feita. Não é prever para hoje o que deve acontecer amanhã. Tem que se fazer uma programação a longo prazo. Assim como não se faz um artista da noite para o dia, também não se faz uma programação de uma hora para outra. Tem que haver um planejamento e execução por etapas.

RETOQUES — Planejando e executando etapas, qual o futuro das Artes Plásticas em Santa Catarina?

H.L. — Eu acho que Santa Catarina pode sair do buraco que está metida através das Artes Plásticas. Vejamos o contexto da Região Sul: pode-se competir com cinema? Não se pode, pois o Rio Grande do Sul já tem o Festival de Gramado, que é da maior importância nacional; pode-se competir com dança? Não, pois o Paraná é muito superior e tem um Ballet fabuloso que é o Ballet Guaira. Na mú-

sica, o Paraná tem boas orquestras. Na literatura, somos vizinhos de um Mário Quintana e de um Dalton Trevisan. A grande saída para Santa Catarina seria as Artes Plásticas e nós temos condições.

RETOQUES — Você acha que o desenvolvimento da arte em Santa Catarina passa, necessariamente, por um intercâmbio com centros maiores?

H.L. — Acredito que sim. E eu tenho feito o possível para trazer gente para cá, só não tenho levado para fora por não ter condições. Porém, tem uma coisa, o artista catarinense é muito atrelado ao Governo do Estado. Ele vive em função do auxílio governamental. Ele não se vira sozinho para arranjar uma exposição lá fora. Vou dar um exemplo: o MASC teve uma individual em outubro, do Konstantin Christoff artista de Minas Gerais, que trouxe catálogo a cores e pagou todo o transporte. Santa Catarina é tão importante assim? Por que um catarinense não faz a mesma coisa? Timidez ou medo de confronto? Sei lá... Há um pecado escondido aí, que eu não sei qual é. Tinha que ser ativo, mais corajoso, mais confiante em si mesmo. Eu conheço um artista que possui estes atributos. É o Schwanke. Quantos prêmios ele levantou em 85? Para cada Salão que mandou trabalhos, ele ganhou prêmios. Agora mesmo ele foi premiado de novo, no Salão Nacional, em Porto Alegre. O pessoal daqui é muito acomodado, talvez seja o clima da ilha.

RETOQUES — Como andam as relações entre o MASC e os órgãos governamentais?

H.L. — Diplomáticamente, vão ótimas. Agora, quanto a resposta que eu espero de apoio financeiro, não existe. O que deveria existir, por parte do Governo, é um programa geral de cultura, mas não há. Por que? Porque as pessoas que estão nos cargos de cultura não tem cultura, logo não tem interesse pelo assunto. Os cargos são políti-

cos. O Secretário de Cultura é um político. A Superintendência da Fundação é um cargo político. Estão apenas cumprindo mandato. Eles não fazem uma programação lógica e direta.

RETOQUES — E as relações com a ACAP?

H.L. — Tudo bem. O que saiu nos jornais foi um mal-entendido. Quiseram me jogar na fogueira, quando eu não tinha culpa nenhuma. Eu não sou dono dos espaços em Santa Catarina, se fosse seria Governador do Estado e não Diretor do Museu. Eu não tenho nada com aquela história, tanto é que ficou tudo provado, falado e esclarecido.

RETOQUES — Qual a importância que você dá à ACAP no desenvolvimento das Artes Plásticas em Santa Catarina?

H.L. — Como ela atua, no momento, eu acho muito importante, porque ela realmente atua. O que não acontece em outros Estados. A ACAP é realmente um organismo ativo, que funciona. Basta ver as exposições que ela faz todo mês e sempre. Eu acho, inclusive, que com o Janga na presidência, a ACAP assumiu uma espécie de liderança das Artes Plásticas em Santa Catarina. Em minha atividade no museu, eu tenho feito o possível para acompanhá-lo.

RETOQUES — No momento, fala-se muito em Constituinte, o que você espera dela quanto ao futuro da área artística?

H.L. — A Constituinte deveria criar um Plano Nacional de Cultura, já que não existe nada até agora. Vou dar um exemplo: Ano passado, em outubro, a exposição de Arte Contemporânea de São Paulo estava em Curitiba. Eu telefoniei para lá, para saber se não podia trazer esta exposição para cá, já que é tão pertinho. Disseram-me que não, pois a exposição iria para o Mato Grosso. Somente um ano depois é que a exposição chegou aqui. Tem sentido? Isto acontece por não haver um Plano Nacional de

Cultura. Um itinerário lógico seria muito mais econômico. Eu pretendo, ano que vem, fazer uma exposição itinerante com a Eli Heil, que é uma das artistas mais importantes de Santa Catarina. Como seria o roteiro: Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Com isso, podemos baratear os custos de produção e incentivar iniciativas deste caráter.

RETOQUES — Jovens artistas reclamam que os espaços não lhes são abertos, em detrimento dos “medalhões”. Alguns falam até em “panelinhas”. O que você acha destas críticas?

H.L. — Eu não sei sobre o que eles falam. Se é sobre Galeria de Arte, nada se pode fazer pois a Galeria é um negócio comercial. Eles expõem quem vende. E vende quem tem nome e já está firmado. Nenhum “marchand” é louco de pegar um jovem, que ninguém conhece, e fazer uma individual. Gastar com coquetel, luz, empregados e catálogos, sem saber se terá um retorno. Eu, aqui no Museu, em geral não dou vez, pois o MASC tem outra estrutura. Porém, a ACAP tem dado oportunidade aos jovens.

RETOQUES — Como você se autodefine?

H.L. — A autocritica é terrível em mim. Eu sou uma pessoa tímida, embora não pareça. Eu bebi muito para me expandir, agora parei de beber, para ver se consigo me afirmar sem a bebida, e por questão de saúde. No mais eu sou um idealista e sonhador, pois querer fazer as loucuras que eu faço nesse museu com a escassez de recursos que há...

RETOQUES — Você se considera um sonhador. Qual o seu maior sonho?

H.L. — O meu maior sonho é trazer o quadro “A 1.ª Missa no Brasil” para ficar umas semanas aqui comigo, no Museu. Mas isto custa 860 mil cruzados, que é o preço para instalar ar condicionado no Museu, pois sem isso o quadro não sai do Rio de Janeiro. É um projeto ambicioso, mas viável, pois se eu cobrar ingresso, tiro esse dinheiro. Senão, quem vai me emprestar esse dinheiro? Talvez um “pool” de empresários. Agora veja você, o CIC inteiro é climatizado, menos o Museu, dá para entender?

RETOQUES — Você se considera pretensioso?

H.L. — É nesse ponto, por

exemplo, que o Cacau Menezes, em sua coluna, me chamou de pretensioso... É claro que sou pretensioso e acho que todo mundo deve ser. Tem que pensar bem alto para realizar pelo menos a metade do que se pretende. Eu tenho a pretensão de transformar o nosso Museu no mais importante do Sul do Brasil, e não é difícil. Eu conheço os do Paraná e Rio Grande do Sul e, em termos de espaço, o nosso é bem melhor. Em acervo, o nosso é superior ao do Paraná e se iguala ao gaúcho. Muitos artistas escrevem dizendo que gostariam de expor aqui. Eu respondo que não há recursos para custear catálogos, transporte, etc. Mesmo assim eles querem expor aqui, pois querem fazer comigo. Isto porque eu sou muito conhecido no Brasil inteiro, pois já fui jornalista no Rio e em São Paulo. Então eu tenho esse crédito de confiança junto aos artistas. Seria bom que Santa Catarina se aproveitasse de mim para conseguir tudo isso, enquanto eu estou aqui, pois amanhã, eu não sei para onde vou.

RETOQUES — Como você se autodefine?

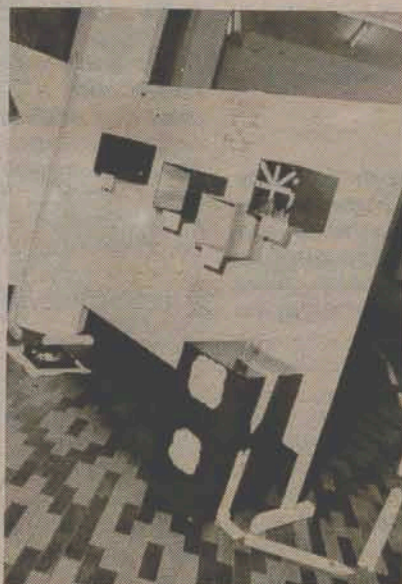
H.L. — A autocritica é terrível em mim. Eu sou uma pessoa tímida, embora não pareça. Eu bebi muito para me expandir, agora parei de beber, para ver se consigo me afirmar sem a bebida, e por questão de saúde. No mais eu sou um idealista e sonhador, pois querer fazer as loucuras que eu faço nesse museu com a escassez de recursos que há...

RETOQUES — Você se considera um sonhador. Qual o seu maior sonho?

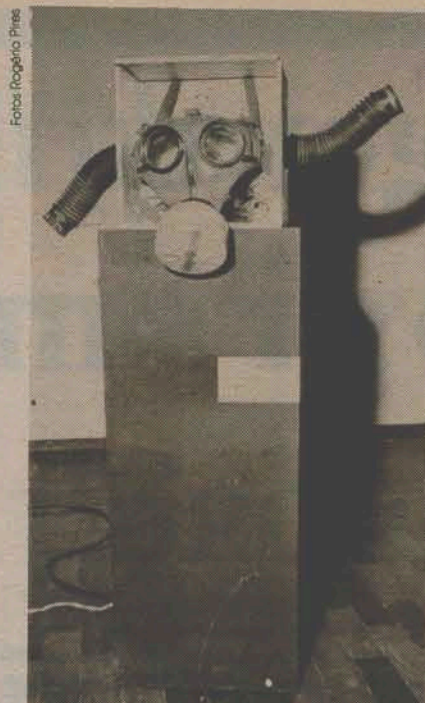
H.L. — O meu maior sonho é trazer o quadro “A 1.ª Missa no Brasil” para ficar umas semanas aqui comigo, no Museu. Mas isto custa 860 mil cruzados, que é o preço para instalar ar condicionado no Museu, pois sem isso o quadro não sai do Rio de Janeiro. É um projeto ambicioso, mas viável, pois se eu cobrar ingresso, tiro esse dinheiro. Senão, quem vai me emprestar esse dinheiro? Talvez um “pool” de empresários. Agora veja você, o CIC inteiro é climatizado, menos o Museu, dá para entender?

O lado artístico de Blumenau

A Bluap, Associação Blumenauense de Artistas Plásticos começou a criar forma em 1985. Já em 1986, com a eleição de uma nova diretoria composta por: Guido Heuer (Presidente); Manuel Pombinho (Vice); Arian Grasmück e Deborah Caixe (1º e 2º Secretários); Rubens Oestroem e Luis Carlos Cabral (1º e 2º Tesoureiros); Elio Hahnemann, Odete Allora e Flávio João Meirinho (Conselho Fiscal), a associação estrutura-se com novos estatutos e nova dinâmica. Lança-se o projeto "Arte 25 ao Cubo", que faz com que a associação seja projetada no meio artístico-cultural. Blumenau toma conhecimento da existência de um grupo de artistas plásticos, firmes no pro-



"1ª Coletiva Individual ao Cubo", de Horácio Braun



Amok, de Rubens Oestroem

pósito de reciclar e recriar todo um conceito artístico existente.

O "Arte 25 ao Cubo", constituía-se de um kit contendo pregos, prendedores e madeira compensada (25 x 25 cm), que montado tomava a forma de um cubo. A partir deste suporte único (foram distribuídos 100 cubos à artistas plásticos, publicitários, poetas, jornalistas e intelectuais), que tratados cada um na sua maneira e na sua linguagem, vencendo as "possibilidades e impossibilidades", culminaram com o sucesso do evento.

"Bonita e gostosa a repercussão do projeto "Arte 25 ao Cubo", promoção da Bluap — Associação Blumenauense de Artistas Plásticos. Nunca em

tempo algum, realizou-se, em terras exploradas por Hermann Blumenau, um acontecimento artístico tão livre e tão democrático, sem estatutos e regulamentos e sem qualquer tipo de seleção e censura prévia. Um evento assim só poderia dar no que deu: uma mostra coletiva original, pulsante, instigante, viva (...) "Vilson Nascimento — JSC/09.07.86.

"... As obras penduradas em painéis; do teto sobre os mais diversos suportes, estruturaram-se nos mais variados materiais. Convivem a tela acadêmica, tecido, arame, lã, argila, resina, feltro, corda, esparadrapo, metais, terra, plástico, madeira.

Aqui tudo é possível. Porque a imaginação não tem limites, numa exposição onde a emoção é colocada em xeque e a expressão do ser humano é uma estrela de muitas pontas (...) "Lindolf Bell — JSC/10.07.86.

A principal proposta da Bluap é congrega a classe artística, criando novos espaços e manifestações, trazer novos cursos, trazer palestrantes, críticos de arte, artistas plásticos de outras cidades e estados, para intercambiar propostas, lançar projetos, valores novos; promover exposições e debates.

A Bluap, ainda nova e inexperienced, acredita poder apresentar no próximo ano, um trabalho de peso, onde espera receber o reconhecimento e o apoio do empresariado blumenauense, fazendo também com que um maior número dos quarenta associados se mobilize para um trabalho sério em prol da classe artística.

Rio do Sul: Associação quer integração

Os artistas plásticos do Alto Vale sentindo necessidade de crescer, valorizar e integrar seu trabalho artístico à comunidade e até mesmo ao Estado, uniram-se e, em 17 de fevereiro de 1986, reativaram a associação dos Artistas Plásticos de Rio do Sul. Esta foi declarada de utilidade pública municipal pela lei nº 1952 de 23 de outubro de 1986. Desde setembro estão sendo realizadas reuniões mensais na galeria municipal de arte Kurt Schoroeder. Com o intuito de incrementar as artes em nossa região, convidou-se o artista plástico Rubens Oestroem para aqui ministrar curso de desenho.

Este desenvolve-se desde outubro, nas dependências da faculdade de Administração de Empresas do Alto Vale do Itajaí. Dando contribuição à comunidade, artistas associados confeccionaram cartões de natal e autorizaram sua reprodução, revertendo a



Artistas reunidos no ateliê Arte Livre, em Rio do Sul

renda em benefício da casa da amizade de Rio do Sul. Atendendo solicitação de um hospital local, está sendo realizado um projeto para "colorir e iluminar" esta casa de saúde, tornando-a um ambiente mais agradável. A nível nacional estamos

participando do Projeto "Sinta Santa Catarina"; projeto este desenvolvido pela Aaplaj e Mesbla.

Visando uma maior integração com outros artistas e associações Aaplars solicitou e já recebeu fichas de inscrição para

associar-se a Associação Artística de Blumenau - Bluap.

Colocamo-nos a disposição de todos que queiram integrar-se a nós, para juntos incrementar, valorizar e divulgar as atividades artísticas.

A diretoria da Aaplars é composta por:

Lygia Helena R. Neves - Presidente; Maria Salete Engels Werling 1ª Secretária, Bernadete Osório - Vice Presidente; Iraci Binder - 2ª Secretária, Ezio Linhares - 1º Tesoureiro, João Carlos Kriek - 2º Tesoureiro, Renato Arndt - 1º Diretor Artístico, Jorcely S. Mendonça 2º Diretor Artístico, Antonio Pádua Botelho, Dionísio Maçaneiro e Marilene de Araújo Amorim Conselheiros.

Encontramo-nos à disposição dos interessados na galeria de arte Curt Schroeder na Alameda Aristiliano Ramos, sala 23, Rio do Sul-SC.



Zoom, de Victor Vasarely

Uma pitada de cinetismo

Esqueça tudo o que você sabe sobre arte, livre-se dos pré-conceitos. Feche os olhos e entre numa sala em cuja porta se lê, aliás, não se lê, se ouve: ".....!"

Lá dentro, luzes se atirando no espaço, caixinhas subindo pelas paredes, objetos cantando e exalando perfume. Aonde você está? Numa galeria de arte cinética, é claro.

A mecânica, a mais antiga das ciências físicas, estuda o movimento dos objetos. Pois o princípio da arte cinética é o mesmo, só que sem qualquer propósito utilitário. Ela quer experimentar os processos óticos e psicológicos da percepção.

Uma obra de arte cinética não se vê, se assiste. Sua forma mais característica é o movimento real de imagens, utilizando motores, emissores de luz, etc. Mas esse movimento pode apenas ser sugerido. Afinal, em arte vale a imaginação, tanto do criador como do espectador. Pode existir apenas no momento em que é consumida e, às vezes, sequer existe materialmente. É luz, cheiro, ruído.... Em outras, exige que o

espectador se movimente no espaço para senti-la.

Tendência artística recente, a Arte Cinética nasceu no início do século passado mas passou a ser intensamente desenvolvida a partir da década de 60. Teve em Marcel Duchamp (1887-1968) um de seus maiores criadores. Sua Bicycle Wheel (uma roda de bicicleta ao contrário, montada sobre um banco de madeira), de 1913, foi a primeira peça móvel artística.

Desde Duchamp, o movimento vem sendo usado em escultura por diversos caminhos diferentes, com os materiais mais inusitados. O cinetismo aceita o precário, o instável, afinal ele retrata o mundo em sua contínua metamorfose. "Não é apenas o que se move, mas uma tomada de consciência da instabilidade do real" (Clay).

Infelizmente o artista cinético, misto de criador e inventor, ainda é um marginal das artes plásticas, um ser subterrâneo, querendo teimosamente conviver com os ocupantes de uma vasta e velha torre de marfim.

Juliana Wosgraus

FERNANDO LINDOTE

As mutações do artista

Tudo começou em Sant'Anna do Livramento, no Rio Grande do Sul, quando Fernando Lindote, ainda guri, desenhava suas histórias em quadrinho. Menino talentoso, logo estaria trabalhando nos jornais da cidade. O cartun foi a opção. Anos mais tarde, em 1977, realizava em Porto Alegre sua primeira exposição, ao lado de cartunistas famosos como Luiz Fernando Veríssimo e Edgar Vasquez. Foi aí que Lindote se sentiu meio

sem base, perto de grandes profissionais, e resolveu partir para outra. De Porto Alegre voltou para sua cidade natal, Livramento. A partir daí, abriu-se um novo caminho para o artista: a pintura.

Lindote descobriu o trabalho de Alfredo Volpi e se apaixonou pela obra de Tarsila do Amaral. Influências marcantes em seu trabalho. Vieram os ensinamentos de Osmar Santos e Opitaleche, dois pintores que mantinham um ateliê em Livramento.

Começava, então, um período de experiências. Lindote só aprendeu. Nova fase. Deu pra ti, Porto Alegre. Em 83, o artista gaúcho chega a Florianópolis e se enamora pela ilha. "Foi bem loucura mesmo. Tava cansado daquele ambiente viciado de Porto, sempre os mesmos papos, as mesmas rodinhas..." O artista queria descanso e o lugar ideal era, sem dúvida, aqui na ilha. Lindote ficou.

Não foi fácil se fixar, as dificuldades existiam; mas eram superáveis.

Aos poucos, Lindote conseguiu ocupar seu espaço. De exposição em exposição, o trabalho do artista se consolidou e passou a se tornar conhecido. Se o público não conseguiu assimilar a proposta do gaúcho, a crítica foi mais compreensiva. "O



Lindote:

"é difícil lidar com o público"

público é difícil. O artista, às vezes, para agradar ao público, adapta seu nível de linguagem de acordo com o ambiente em que vai expor. Ao meu ver, ele está perdendo, com isso, qualidade e estilo próprio".

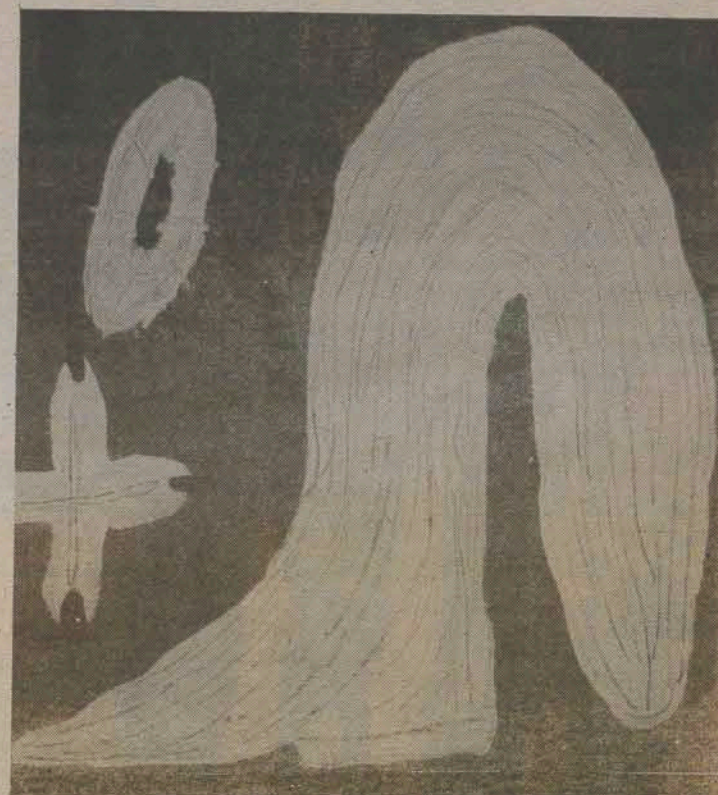
O período tem sido muito favorável às artes plásticas. O surgimento de novos valores artísticos têm contribuído no fortalecimento dessa área. Lindote não

esconde suas preferências e aponta os trabalhos de Leonilson e Baravelli como geniais em termos de nível de linguagem. "Mas tem muita gente de

qualidade. Os trabalhos de Oiticica, por exemplo, que já morreu, são super bonitos. E tem mais..." É muito difícil definir a arte de Lindote. Talvez porque ele não se acomode em lugar algum. Já experimentou muito, mas quer experimentar ainda mais. Um eterno mutante, que busca as novas possibilidades e, por que não, impossibilidades da pintura.

Aos 26 anos de idade, o garotinho de Livramento, que desenhava histórias em quadrinho, hoje quer saber de tudo. Arte, para ele, é uma tentativa constante de criação.

Testar, inventar, misturar o que for necessário até criar algo novo, nunca visto. É nisso que ele aposta. (RP).



Acrílico sobre tela (1986)

Dois artistas catarinenses foram premiados no 9º Salão Nacional de Porto Alegre. Tratam-se de Luiz Henrique Schwanke e Rubens Oestroem. Schwanke é natural de Joinville, formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná e, desde 1977, vem se destacando em todas suas participações em exposições e salões nacionais angariando premiações e abrindo caminhos em vários centros para expor sua arte. Já expôs individualmente na Galeria Sérgio Milliet, Funarte, Rio de Janeiro e na Sala Miguel Bakun, em Curitiba. No ano de 1985, Schwanke foi considerado Destaque/85 pela Revista Veja no campo das artes plásticas. Harry Laus, crítico e diretor do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) considera-o a revelação das artes plásticas de Santa Catarina. "Em todos os Salões que se inscreve, ganha prêmios e projeção". Oestroem, catarinense de Blumenau, já estudou com Kurt Boeger e Elke Hering e cursou e diplomou-se na Escola Superior de Artes de Berlim e Academia de Dusseldorf na Alemanha Ocidental. Participou da 18ª Bienal Internacional de São Paulo, quando integrou a Sala "Expressionismo no Brasil — Heranças e Afinidades". Desde 1976, Oestroem divide seu tempo e sua arte entre Brasil e Alemanha, já tendo feito inúmeras exposições na Europa. Estes dois artistas trazem para Santa Catarina, além de prêmios, o reconhecimento da crítica e a certeza da conquista de espaços à nível nacional. A Arte não tem fronteiras.



OESTROEM E SCHWANKE

Os dois melhores



Os verdes, acrílico sobre tela de Oestroem



Guache sobre papel, de Schwanke